

A DIVERSIDADE EM PERSPECTIVA EDUCACIONAL: FORMAÇÃO DE EDUCADORES, PATRIMÔNIO E IDENTIDADES

**DIVERSITY IN EDUCATIONAL PERSPECTIVE: TEACHER EDUCATION, EQUITY
AND IDENTITIES**

**DIVERSITE EN PERSPECTIVE EDUCATIONNEL: LA FORMATION DES
ENSEIGNANTS, PATRIMOINE ET IDENTITE**

**LA DIVERSIDAD EN PERSPECTIVA EDUCACIONAL: FORMACIÓN DE
EDUCADORES, PATRIMÓNIO E IDENTIDADES**

Camille Gouveia Castelo Branco Barata¹

COELHO, Wilma Baía e COELHO, Mauro Cezar (orgs.). *Trajetórias da diversidade na educação: formação, patrimônio e identidade*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012.

O livro *Trajetórias da Diversidade na Educação* convida a refletir, de forma multidisciplinar e focalizando diversos temas, sobre a questão da diversidade no âmbito escolar. Tem-se em vista a prerrogativa de que a não consideração e o tratamento não adequado da diversidade no âmbito educacional contribuem para a reprodução de preconceitos e discriminações. Nesse sentido, a publicação orienta-se pela compreensão de que o espaço escolar constitui-se em *locus* privilegiado para a desconstrução e superação de preconceitos e discriminações e para uma formação de uma cidadania que contemple a diversidade. Segundo os organizadores da publicação, Wilma Baía Coelho e Mauro Cezar Coelho, as reflexões reunidas no livro se originam de um compromisso ao mesmo tempo acadêmico e político: “construir uma escola promotora de uma educação que perceba a diferença como um valor” (p. 13).

Os trabalhos reunidos nessa organização dirigem-se predominantemente a professores e demais profissionais da educação, na expectativa de fornecer subsídios que instrumentalizem esses agentes na conformação de procedimentos pedagógicos para combater a discriminação. Tal direcionamento demonstra a percepção, por parte dos organizadores, de que a formação continuada de educadores é um empreendimento

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi monitora da disciplina Antropologia Jurídica na Faculdade de Direito da UFPA e aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA, ambos em 2013. Atualmente é bolsista de Iniciação Científica do CNPq no Projeto "Aborto, Infanticídio, sexualidade e direitos humanos: entre os escritos do Judiciário e as práticas de povos tradicionais" e integrante do Núcleo de Estudos Cidade, Aldeia e Patrimônio, ambos sob coordenação da Profa. Dra. Jane Felipe Beltrão.



essencial para que estes sejam capazes de realizar intervenções consubstanciadas no universo escolar², em prol de uma educação inclusiva. Conforme pontua Gomes (2006):

Cabe ao educador e à educadora compreender como os diferentes povos, ao longo da história, classificaram a si mesmos e aos outros, como certas classificações foram hierarquizadas no contexto do racismo e como este fenômeno interfere na construção da autoestima e impede a construção de uma escola democrática. (Gomes, 2003, p. 77)

O primeiro artigo que compõe a coletânea se intitula *Educação, Trabalho e Diversidade étnica: educandos artífices e africanos livres na Amazônia, século XIX*. Nele, a autora Patrícia Melo Sampaio analisa histórias e trajetórias de africanos livres e povos indígenas, durante a Amazônia oitocentista. Focalizando o contexto presente no estabelecimento para educandos artífices em Manaus, a autora reflete sobre o lugar dos africanos livres que trabalhavam nesse espaço educacional e quais as hierarquias presentes no mundo do trabalho e da educação nesse período. A análise permite entrever variados aspectos da gênese do pensamento educacional brasileiro.

Patrícia Sampaio demonstra que a instituição de educandos artífices surge como um projeto de formação da mão de obra local, com vistas a educar “jovens desvalidos”. Porém, a criação do estabelecimento, para além de preparar a população para o mundo do trabalho, tinha aspirações de confrontar a diversidade linguística e étnico-cultural da Amazônia, dentro de uma lógica civilizatória e homogeneizadora. E os povos indígenas estavam incluídos nesse projeto educacional. Em seu trabalho a autora demonstra que, mesmo em condições subordinadas, africanos livres e povos indígenas exerciam agenciamentos possíveis, em busca de autonomia e liberdade.

No artigo seguinte, intitulado “*Reduzidos sim, vencidos nunca*”: *identidades, histórias, memórias e patrimônios entre os Tembê Tenetehara*, a autora Jane Felipe Beltrão lança seu olhar sobre trajetórias educacionais de indígenas da etnia *Tembê Tenetehara*. É ressaltada, a partir dos depoimentos e memórias dos interlocutores, a importância atribuída à educação para afirmação de identidades, estruturação de direitos constitucionais e articulações políticas dos povos indígenas.

² Um aprofundamento dessa reflexão pode ser observado em um artigo publicado pelos mesmos autores, também no ano de 2012. Cf.: COELHO, Wilma Baía; COELHO, Mauro Cezar. Por linhas tortas – a Educação para a diversidade e a questão étnico-racial em escolas da região Norte: entre virtudes e vícios. *Revista da ABPN*, v. 4, n. 8, 2012, p. 137-155.

Jane Beltrão dimensiona uma tentativa de “apagamento” da identidade desse povo, por meio de um processo de homogeneização forçada dos indígenas pessoas, visando transformá-los em “caboclos” dentro de uma concepção assimilacionista da diversidade étnica. Esse projeto foi posto em prática ao longo da história dos *Tembé* e intentava o que a autora referencia como *etnocídio* desse povo. Tal projeto não se perdeu com o tempo e permanece visível nas narrativas de situações de violência relatadas pelos interlocutores nos espaços escolares. Apesar da violência sofrida (sobretudo por parte do Estado), os *Tembé* reagiram e resistiram, lutando pelo direito de “ser indígena” e, de acordo com as narrativas, percebem a educação como ferramenta de empoderamento, que pode auxiliar em lutas políticas e afirmações identitárias.

No trabalho de Anna Maria Alves Linhares e Márcio Couto Henrique, intitulado *Museu do Marajó e educação patrimonial em Cachoeira do Arari, Pará*, os autores refletem, a partir da constituição do acervo do Museu, sobre a invenção e construção de uma identidade marajoara. Os autores refazem, por meio da historiografia, a trajetória do padre Giovanni Gallo que, motivado por uma lógica paternalista de que os habitantes locais estariam deixando a memória se perder, inicia uma busca por artefatos que expressassem sua compreensão do “ser marajoara”.

Os autores demonstram que a intenção de fundar o Museu do Marajó, possuía inúmeras dimensões: a constituição da identidade regional, o resgate da memória e a transformação do Museu em polo turístico são algumas delas. Ao problematizar como a construção e o espaço do Museu são percebidos no discurso local, os autores afirmam que a representação do universo cultural marajoara é parcial, apenas uma, entre muitas leituras possíveis da identidade de pessoas do Marajó. Porém, a partir da criação do Museu e de todo o empreendimento em torno dessa criação, os moradores locais passaram a identificar-se com a cultura e a tradição representadas nesse espaço. Assumem, dessa forma, certas posições e lugares de fala, na fronteira da alteridade.

No artigo *Formação inicial de profissionais da educação: avanços e desafios para a implantação das DCN para a educação das relações étnico-raciais*, a autora Rosana Batista Monteiro analisa, a partir de pesquisa realizada na Universidade de São Francisco (USF), como é tratada a questão racial, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), no âmbito da formação de professores em cursos de Pedagogia.

A autora realiza inicialmente uma revisão bibliográfica da produção sobre as relações raciais no contexto dos cursos de formação de professores e constata a escassez



de trabalhos sobre a temática, embora com a promulgação da Lei nº 10.639/03 tenha sido observado um aumento significativo no número de pesquisas. Em seguida, são apresentados os desdobramentos da pesquisa de campo e Rosana Monteiro demonstra as repercussões positivas de um esforço formativo que contempla a questão racial e dialoga com a DCN, ainda que os desafios não se esgotem.

O trabalho *Relações Etnicorraciais no CEFET/RJ: relato de experiências*, cuja autoria é de Roberto Carlos da Silva Borges, discorre sobre as ações pedagógicas desenvolvidas pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) no sentido de capacitar professores e formar estudantes para o diálogo com a questão racial por meio da prática voltada para a Lei nº 10.639/03. Sendo professor da referida instituição e tendo participado do desenvolvimento de discussões e ações que contemplassem a diversidade étnico-racial, o ponto de vista do autor torna-se privilegiado, pelo fato de sua fala ser direcionada “de dentro”.

O trabalho descreve as principais ações realizadas com intuito de fomentar o debate, tais como alterações curriculares, criação de projetos de pesquisa com oferta de bolsas de iniciação científica, criação do primeiro Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da instituição e criação de um Programa de Pós-Graduação em relações étnico-raciais. Todas essas ações foram orientadas pela afirmação e reafirmação política da necessidade de combater o racismo dentro do espaço escolar de forma ampla e transversal.

No trabalho *O Estágio Supervisionado Na Formação Inicial de Professores de Matemática na Bahia*, Maria Auxiliadora Pires e Iran Abreu Mendes tratam da formação de professores nos cursos de Licenciatura em Matemática. Em interlocução com a literatura existente sobre os problemas das Licenciaturas em Matemática, os autores buscam compreender se, nas instituições focalizadas, continuam sendo reproduzidas práticas ultrapassadas na formação de professores ou se houve renovações que contribuam para uma melhor articulação entre teoria e prática nos saberes e fazeres docentes.

O estudo se deu em três instituições de Ensino Superior, nos cursos de Licenciatura em matemática e desenvolveu-se com base no método interpretativo. Os autores constatam a fragilidade dos avanços no que tange à formação de professores, práticas de ensino-aprendizagem e estabelecimento dos projetos políticos-pedagógicos e currículos e apontam para a necessidade de repensar a formação e o papel do professor



de matemática, tendo em vista as demandas sociais com as quais esses profissionais são obrigados a se defrontar.

Tânia Müller e Lisete Jaehn, no artigo *O que pensam os/as estudantes das licenciaturas sobre a didática*, analisam as representações dos discentes de uma Faculdade de Educação sobre uma disciplina do currículo de formação. As autoras compreendem que coletar as concepções dos discentes permite a elaboração de estratégias pedagógicas que desenvolvam novos saberes, conscientes e críticos, que contribuam de forma significativa para a formação de docentes.

O último artigo, intitulado *Hierarquias em perspectiva na escola: música, raça e preconceito no ensino fundamental* é de autoria dos organizadores da obra e analisa como o consumo musical entre estudantes do ensino fundamental é significativo para a compreensão das representações desses agentes sobre cor, raça e preconceito. Afirma-se, nesse sentido, a importância do diálogo, por parte dos educadores, com os universos dos estudantes, especialmente no que tange aos gostos, hábitos de consumo e dinâmicas identitárias, de modo a intervir concretamente nas práticas de racismo entre esses protagonistas.

As reflexões apontadas na obra coadunam, a meu ver, com as formulações de Candau (2011) para quem a lógica dominante nas instituições educativas se constitui a partir de uma matriz moderna e ocidental baseada na homogeneização e na unificação com fins que visam à universalidade. Essa tendência parte do princípio de que, para que haja igualdade, é necessária a busca da homogeneidade, em uma abordagem que segrega a diferença e a diversidade em relação à “normalidade” dominante. A diferença, nesse caso, é vista como problema a ser resolvido.

E o sujeito hegemônico tomado como “normal” nada tem de abstrato: é branco, homem, de classe média, ocidental e heterossexual, sendo silenciadas vivências e subjetividades outras. Esse paradigma contribui para a invisibilização, folclorização e exotificação de corpos, trajetórias e culturas. O tratamento não adequado da diversidade no contexto escolar e a propagação de representações distorcidas sobre as diferenças revelam estratégias para retirar de determinados grupos o *status* de humanidade.

Porém, contrapondo-se à matriz moderna de tendências homogeneizadoras, vem surgindo nos últimos anos um programa pró-diversidade, de orientação multicultural, baseado na compreensão de que as diferenças são intrínsecas e constitutivas do espaço escolar e é papel da escola reconhecê-las e valorizá-las nos processos educativos,



trabalhando-as por meio dos projetos políticos-pedagógicos, currículos, atividades em sala de aula, material didático, comemorações e avaliações.

Uma educação verdadeiramente emancipatória deve orientar-se pelo compromisso político de contemplar a diversidade e combater os preconceitos e discriminações presentes na sociedade, dialogando com os saberes locais, com os usos auto-reflexivos das culturas por parte dos sujeitos e evitando concepções essencializadoras. Uma dimensão importante para viabilizar a concretização desse desafio é a promoção da discussão qualificada sobre a questão, de modo a capacitar educadores a desconstruir preconceitos, articulando formação consubstanciada e prática. Com tal ação se comprometem, de forma bem-sucedida, os autores presentes nesse livro.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem Fronteiras*, v. 18, n 2, 2011, p. 240-255.

COELHO, Wilma Baía; COELHO, Mauro Cezar. Por linhas tortas – a Educação para a diversidade e a questão étnico-racial em escolas da região Norte: entre virtudes e vícios. *Revista da ABPN*, v. 4, n. 8, 2012, p. 137-155.

COELHO, Wilma Baía e COELHO, Mauro Cezar (orgs.). *Trajetórias da diversidade na educação: formação, patrimônio e identidade*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, 2003, p. 75-85.

*Recebido em Janeiro de 2015
Aprovado em Maio de 2015*